



Universidade Brasília
Faculdade de Comunicação - FAC
Comunicação Organizacional
Professora orientadora: Ellis Regina Araújo da Silva

Arena subversiva: Retratos da nudez homossexual masculina

Fernando Rodrigues de Barros Holanda

Brasília - DF/20019

Universidade Brasília
Faculdade de Comunicação - FAC
Comunicação Organizacional
Professora orientadora: Ellis Regina Araújo da Silva

Arena subversiva: Retratos da nudez homossexual

Fernando Rodrigues de Barros Holanda

Memorial referente ao projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Organizacional sob orientação da professora Ellis Regina Araújo.

Dedico este trabalho a minha mãe Eliane e ao meu pai Osmar, por todo amor, carinho, paciência, investimento e dedicação comigo e, ainda, a eles, por me ajudarem a desenvolver a fotografia como *hobby*, trabalho e paixão. Amo vocês.

Agradecimentos

É sempre difícil pensar em quem agradecer... sou grato a tantas pessoas. Começo agradecendo a Deus, sem Ele eu não conseguiria. Muitas vezes estive a beira de desistir mas ele sempre foi meu *brother* e nunca me faltou quando eu precisei. Valeu, Deus! Você é *top*.

Agradeço a UnB, por tudo, pela oportunidade de aprender o que aprendi, sobre entender meus privilégios, adquirir consciência de classe e, sobretudo, comunicação. Pelas festas, pelos amores, sabores e dissabores da vida universitária. Pela oportunidade de me entender como humano. Entrei um menino e estou saindo um homem consciente e convicto das minhas responsabilidades e deveres.

Agradeço a todos os meus professores, desde a alfabetização a graduação, em especial, a minha professora da quarta série, Veralina, que me mostrou que posso ser tudo que eu quiser ser, a minha professora de Matemática da quinta série, Silvana, suas aulas, além de muito boas, sempre tinham lições de vida, as quais sigo até hoje. Aos meus professores Joselma Moura, Klinger Ericeira e Vanessa Villard do 3.º ano do Ensino Médio. Sem estas aulas, a convivência, os conselhos e toda ajuda eu não estaria me graduando na Universidade de Brasília. A Ellis Regina, obrigado por ser a calma que eu precisava, obrigado pelos conselhos e áudios cheios de amor, me sinto honrado de ter você como professora, amiga e orientadora. A Rosa Helena, amada amiga e servidora da Secretaria da FAC, se estou me formando em Comunicação Organizacional foi pela sua ajuda e competência, obrigado demais.

Agradeço aos sete modelos, Perseu, Jeferson, Alex, Rafael, Abraão, Luiz Fernando e Gabriel, quando idealizei o fotolivro o meu maior medo era não conseguir quem aceitasse a proposta e vocês, de forma muito corajosa, aceitaram. Obrigado demais.

A todos meus amigos, os que mantenho vínculo até hoje, os que por algum motivo não estão mais perto. As amigas de infância Anny, Gabriela, Juliana e Milena por terem crescido comigo, a nossa infância foi feliz demais e me orgulho das mulheres que vocês se tornaram, obrigado por estarmos juntos até hoje, eu amo vocês.

A Bárbara e Mega, pôr nos primeiros anos de Universidade fazerem a volta pra casa mais divertida, por estenderem nossa relação para fora daquela van, obrigado por serem parceiros, amigos e cobaias fotográficas, perdoem-me às vezes que fiz vocês acordarem cedo aos finais de semana, quase morrerem afogados ou correrem o risco de serem picados por cobras nas plantações da vida, eu também amo vocês.

As amigas de ComOrg Paola e Karen, sempre fomos nós três em meio aquela selva, obrigado pelos dias, meses e anos de convivência, pelas trocas de conselhos e puxões de orelha, vou sentir saudade demais dessa convivência universitária.

Ao meu amigo, José Lourenço, que dividiu e viveu comigo os melhores anos da graduação, entre festas e provas estive ao meu lado, que nunca me faltou quando precisei, obrigado por ter feito parte dessa história, se ela foi feliz, enriquecedora e maluca é porque você esteve presente nela, obrigado demais amigo, te amo.

Ao meu amigo Lázaro Danilo de Araújo Caetano, vulgo *Lazuboy*, que me ensinou tantas coisas, sobretudo a perseverança e foco, juntos dividimos o tortuoso caminho da resiliência e perdão, eu sou um novo homem graças a tudo que passamos, obrigado pelos ensinamentos e momentos, sempre os levarei comigo.

Ao meu amado pai que com toda sua paciência não desistiu de mim, que com seu esforço nunca me deixou faltar nada e, que até hoje, é para mim o melhor *babisco* do mundo. À minha mãe Eliane, tão inteligente, tão divertida, sem os ensinamentos que a vida nos propôs não seríamos o que somos, nossos destinos foram traçados na maternidade.

Aos meus irmãos mais velhos, Marcelo e Paula, embora nossa convivência, como irmãos, tenha sido fora dos padrões, me orgulho do que vocês se tornaram, não parece mas amo vocês, sim! E muito.

A amiga de trabalho, ícone nordestino, parceira de perrengue e revisora deste trabalho, Tanívia Timbó. A nossa convivência alegrou a vida, ter você como colega de trabalho e amiga foi a melhor coisa que me aconteceu em 2019, você é uma inspiração como profissional e humano.

Por fim, ao irmão mais lindo e desejado do mundo, Enzo. A sua chegada é a grande alegria da minha vida e sou imensamente feliz por você ser meu irmão mais novo e titular do cargo que ocupei por 21 anos, irmão, amo você, demais!

Resumo

Este memorial descritivo se refere ao planejamento, à produção e à execução e pós-produção do fotolivro “Arena Subversiva: Retratos da nudez homossexual masculina”. Este é um produto que retrata sete pessoas homossexuais do gênero masculino nuas. O fotolivro apresenta, além da fotografia dos sete personagens, relatos pessoais dos modelos sobre o processo de aceitação do próprio corpo.

Palavras-chave: Fotografia documental; Fotografia de nudez; Gênero; Homossexualidade; Minorias; Invisibilidade.

Abstract

This memorial refers to the planning process, production, execution and design of the photobook “Subversive arena: Portrait of homosexual nudity”. This is a product that picture seven naked male homosexuals. The photobook is a printed product and also available to the digital version. In addition to photographing the eight characters, there will be interviews with them about how the body acceptance process went.

Keywords: *Documentary photography; Nude photography; Gender; homosexuality; minorities; invisibility.*

“Fotografar é desenhar com a luz”

Marco Aurélio Zuch

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Justificativa	11
3. Objetivos	14
3.1 Geral	14
3.2 Específicos	14
4. Referencial Teórico	15
4.1. Fotografia	15
4.2 Fotografia como arte	16
4.3 Corpo sexualidade	18
4.4 Nudez	19
5. Metodologia	22
5.1 Ideia inicial	22
5.2 Pré-produção	22
5.3 Pós-produção	26
5.4 Diagramação	27
6. Conceito do fotolivro	27
7. Tipografia	27
8. Simbolismo	28
9. Considerados finais	29
10. Referências bibliográficas	31

1. Introdução

O presente memorial trata do planejamento, produção, execução e pós-produção do fotolivro “Arena subversiva: Retratos da nudez homossexual masculina”. O resultado é um produto que retrata sete pessoas homossexuais do gênero masculino nuas. A referida obra apresenta, além das fotografias dos sete personagens, entrevistas contendo depoimentos e impressões dos indivíduos fotografados sobre a experiência e, ainda, o processo de aceitação do próprio corpo.

A comunidade LGBTQ+ (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transsexuais e *Queer*¹) compõe a minoria da sociedade e, em vários aspectos, se trata de indivíduos de nuances e características distintas. Dentro da própria comunidade há novo processo de subdivisão, o que resulta na formação de outras minorias. Especificamente na comunidade homossexual é possível observar a existência de padrões de beleza, fato este já conhecido por membros da comunidade como aqueles que se consideram alheios a tais questões. A estética desejada e imposta como a ideal para a beleza masculina consiste nos ideais de força, juventude e virilidade.

Essa concepção que remete ao ideal grego clássico é acentuada no início do século XX, devido a crença de que a proximidade do padrão heteronormativo resulta em maior aceitabilidade do indivíduo na sociedade, conseqüentemente mais estabilidade dentro da comunidade homossexual. De tal modo, o indivíduo homossexual que mais se aproxima do padrão heteronormativo obterá mais opções de parceiros e, conseqüentemente, a atenção e o prestígio dos membros. Os indivíduos homossexuais são criados dentro do contexto hétero por pessoas que se encaixam nessa cultura social e possuem comportamentos e atitudes voltados para o que se espera desse padrão. Logicamente, seus padrões de beleza também são formados pelos princípios dos héteros que serviram de referência durante seu processo de desenvolvimento social.

Desse modo, é possível entender a construção do “ser homem” realizada pelos homossexuais como pautada no padrão comum de masculinidade e virilidade da ótica da heterossexualidade. No processo de autoconhecimento, os homossexuais assimilam a

¹ “**queer** é uma “categoria” ampla, que abriga as diferentes identidades da comunidade LGBT.” Disponível em: <<https://estanteante.wordpress.com/2018/07/31/o-que-significa-queer/>>. Acesso em: Ago, 2019.

necessidade de performar masculinidade para conquistar aceitação bem como se protegerem da violência aplicada ao estereótipo do homossexual afeminado, que atrai atenção de modo indesejado dentro da própria comunidade. Ao se alinhar a um arquétipo de masculinidade o indivíduo inibe eventuais ações de violência por não ser facilmente identificado como homossexual, bem como é possível que haja performance de atividades que, ao pautarem a busca pelo belo no físico, resultam em comunicação não verbal de que é possível ao indivíduo revidar uma agressão - prática de exercícios físicos, por exemplo.

O indivíduo homossexual que está em um contexto de relacionamento com parceiro fixo conquista o respeito e reconhecimento dos membros da comunidade pela aquisição do “troféu social”. A aceitação almejada se transmuta do respeito sobre seus desejos para uma admiração do meio social em relação aos atributos adquiridos - físico, carreira, parceiro.

Viver em uma sociedade na qual seu corpo atende a um ideal e se relacionar com um homem que também está sujeito às mesmas considerações sobre padrão gera prestígio e consequentemente um modelo a ser almejado. Resumidamente, os homossexuais geralmente concebem a construção mental de que para se ter uma vida feliz e completa se faz necessário conquistar relacionamento com um parceiro que atenda aos requisitos impostos por aqueles ideais pré-concebidos de masculinidade heteronormativa, com corpo atlético e reconhecimento evidenciável mediante exposição em redes sociais.

Em um paradoxo, os homens exigentes que minam a autoconfiança de outros indivíduos são os mesmos que vivenciam a busca por aceitação.

O lema da bandeira LGBTQ+ prega a diversidade, contudo, a própria comunidade despreza que dentro da diversidade há diversidade. Existem indivíduos que não se enquadram - nem desejam se enquadrar - aos padrões. Há homossexuais de vários tipos: gordos, magros, masculinos, afeminados, sarados, barrigudos, baixos, muito altos, com estrias, deficientes.

Organizado em três partes, o memorial deste trabalho foi concebido da seguinte forma: a pré-produção, produção e pós-produção — diagramação e finalização do fotolivro. O documento traz ainda a abordagem teórica que apoiou na realização do produto, a justificativa, problema de pesquisa, objetivos e referências utilizada.

2. Justificativa

O primeiro ponto de discussão a ser levantado diz respeito ao título da obra que traz em sua concepção parte dos conceitos que norteiam o trabalho. Primeiramente, procurou-se analisar o sentido etimológico dos termos “arena” e “subversiva”. Segundo o Dicionário Aurélio, “arena” significa: *"espaço de areia, no centro dos anfiteatros, onde combatiam os gladiadores"* e, ainda, em mais uma de suas definições: *"lugar para desafios, lutas, discussões e debates."*

No livro *Coragem para Liderar* (2019), a pesquisadora de comportamento norte-americana e doutora em Serviço Social, Brené Brown, diz que: *"a vulnerabilidade é definida como algo incerto, arriscado e que te expõe emocionalmente. Mas, que na verdade, ela é positiva, é dela que nascem emoções importantes que vivenciamos como humanos"*. Fotografar homens nus, de certa forma, metaforicamente, foi colocá-los em uma arena a qual era possível submetê-los a um estado de vulnerabilidade de maneira tal que a eles só restaria confrontar diversos sentimentos e questões pessoais.

Sobre o termo “subversiva”, o Dicionário Aurélio traz a seguinte definição: *“é aquela que prega ou executa atos visando à transformação ou derrubada da ordem estabelecida; revolucionário.”* O ato de fotografar indivíduos incompatíveis com o padrão vigente — ou seja, de estatura elevada, tônus fortificado e definido, com fortes aspectos de virilidade — se contrapõe e tenta contestar uma ordem estabelecida daquilo que está imposto no que tange à beleza dita ideal. Sabe-se que o padrão de beleza vigente é considerado inalcançável e, ainda, forte elemento gerador de problemas de não aceitação, transtornos alimentares, bem como outros danos psicológicos.

À medida que esses padrões são incutidos, cria-se uma série de problemas com a forma de como as pessoas se enxergam e quais expectativas criam para si e para o outro. Em 2009, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica² apresentou uma estimativa concluindo que 130 mil pessoas haviam realizado procedimentos estéticos buscando a utópica aceitação própria e dos

² Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Datafolha_2009.pdf> acesso em: 12 de ago, 2019.

outros. De acordo com a *American Society of Plastic Surgeons* (ASPS, 2012), busca-se, por meio da realização da cirurgia estética, possibilidade de conferir nova forma a estruturas normais do corpo, visando, sobretudo, à melhoria da aparência física e autoestima do paciente.

Entender a obsessão pelo ideal de beleza é reconhecer o poder da mídia nisso. A indústria do entretenimento considera o padrão estético como um grande investimento e com um nicho em expansão, que contempla do vestuário usado por uma personalidade a produtos e tratamentos estéticos que se consolidam como objeto de desejo do indivíduo comum em meio à busca para se enquadrar dentro dos padrões estéticos vigentes aceitos.

Além disso, a ausência da estruturação da família e o histórico de *bullying*³ agravam essa situação, uma vez que gera uma não aceitação do próprio corpo e a busca constante pela mudança, o que pode acarretar graves patologias e culminar em óbito.

Dessa forma, cometer atos considerados extremos em prol da estética tornou-se algo comum. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), a cada dia, mais procedimentos estéticos são criados, mais clínicas de cirurgias plásticas são abertas e um novo método alimentar sem a devida comprovação científica é implementado. O desejo de ostentar um corpo pautado no ideal de beleza em vigência acaba por incentivar hábitos extremos que culminam em transtornos alimentares — por exemplo, a anorexia nervosa e a bulimia.

Nesse sentido, a interpretação da nudez vai além da frivolidade. Interpretar a nudez é mergulhar para além do próprio corpo. Michael Foucault (1998) diz que o corpo alinhado com a sexualidade fomenta o poder e controle social, por isso surge a necessidade de conhecer as inúmeras mensagens que os rodeiam. Vários autores como Mary McIntosh, Jeffrey Weeks, Kenneth Plumer, Gayle Rubin corroboram dizendo que o corpo é uma construção social. Conforme Rodrigues (*apud* CARIDADE, 1999), o corpo é dotado de significados sociais e como

³ "Forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões." (DICIO, online), acesso em: ago. 2019.

tal abrange ideologias e valores. E, de acordo com o ambiente que ocupa, dependendo época e local, assume acepções desiguais.

A criação do fotolivro vem com o propósito de desmistificar a beleza e mostrar que todos somos belos como somos. Neste sentido a fotografia se torna aliada. Com a expansão de redes sociais de forte apelo visual se ressaltam vários problemas com auto-imagem, aceitação, depressão e ansiedade, resultantes da exposição à imagem da personalidade midiática, como dito pela pesquisa feita pela instituição de saúde pública do Reino Unido, *Royal Society for Public Health*⁴ em parceria com o Movimento de Saúde Jovem. E, dentre essas redes sociais, o *Instagram* foi avaliado como a mais prejudicial à mente dos jovens.

O trabalho partiu da seguinte pergunta: Como produzir um fotolivro com material diversificado, em que corpos e belezas, ditas diferentes, sejam fotografadas e contempladas? Propor essa discussão dentro da academia abre possibilidades para que outros estudantes, fotógrafos e artistas realizem uma reflexão sobre a diversidade dos corpos através de imagens.

⁴ Disponível em: < <https://www.rsph.org.uk/uploads/assets/uploaded/d125b27c-0b62-41c5-a2c0155a8887cd01.pdf> >
acesso em: 17 ago, 2019.

3. Objetivos

3.1 Geral

Produzir um fotolivro com material diversificado, em que corpos e belezas, ditas diferentes, sejam fotografadas e contempladas.

3.2 Específicos

- Mostrar a experiência da nudez fotográfica de homens gays incompatíveis com os padrões de beleza vigentes;
- produzir um material fotográfico que contrarie o óbvio;
- permitir a apreciação de corpos nus que divergentes padrão convencional aceito;
- observar a nudez abertamente sem tabus como produção artística e protesto ideológico;
- estimular o questionamento sobre a real necessidade de adequação corporal ao padrão estético vigente para registro fotográfico.

4. Referencial Teórico

Por se tratar de um fotolivro, é necessário discorrer sobre a fotografia, da sua criação aos dias atuais, e explicar de forma sintetizada os vários papéis que ela assumiu. Como a pauta tratada diz respeito à nudez, é preciso, ainda, explicar como o corpo é visto e tratado pela sociedade. Para isso, procura-se, por meio da abordagem teórica, entender a sexualidade como uma construção social.

4.1. Fotografia

Entender a fotografia como forma de expressão artística se faz necessário para a compreensão da necessidade de criação do fotolivro. A primeira fotografia catalogada ocorreu em 1826 e está imputada ao francês Joseph Nicéphore Niépce. Foram necessárias oito horas de exposição ao sol numa placa de estanho coberta de Betume da Judéia para a que imagem fosse reproduzida, este fato ocorreu quintal da sua casa. No entanto, a criação da fotografia não é atribuída apenas a uma pessoa, outrossim, a um conjunto de pessoas e processos que ao longo dos anos se aprimoraram para que a fotografia se tornasse como a conhecemos.

Ainda que todos os princípios necessários para o advento da fotografia já serem conhecidos de alguma maneira no espaço de tempo compreendido entre a Renascença e o princípio da Era Industrial, é apenas no século XIX que todo o conhecimento pré-existente se reúne num único aparato capaz de fixar a imagem em um substrato sem a intervenção direta, por meio de carvões, tintas e pincéis, de um artista. Vale ressaltar o paralelismo nos inventos de Niépce, Daguerre, Florence e Fox-Talbot, que mesmo trabalhando isolados, chegaram a diferentes graus de sucesso na obtenção de imagens fotográficas. (KOSSOY, 1989, p. 86)

Claudio A. Kubrusly em seu livro "O que é fotografia?" tenta, sem sucesso mas de modo didático, explicar o conceito de fotografia. Kubrusly concluiu que não há um conceito definitivo e supremo e, sim, há, na verdade, vários conceitos que tornam a fotografia muito mais abrangente.

Afinal, o que é fotografia? A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de

tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou apenas uma ilusão? [...]Fotografia é tudo isso e mais um monte de coisas também. (KUBRUSLY, 1983, p. 4)

Desde a sua criação a fotografia é usada como ferramenta de expressão, seja para contar em imagens o que não pode ser dito por palavras, para mostrar sentimentos que não conseguem ser ditos ou escritos ou apenas para registrar o momento sem o intuito de expressar o que aquela imagem captada traz.

4.2 Fotografia como arte

A arte fotográfica é, muitas vezes, equivocadamente, associada apenas ao ato de apertar o botão. No entanto, fotografar não se resume a isso. Os fotógrafos estão acostumados a escutar “É só apertar o botão”. Certamente, as pessoas que dizem isso ignoram o fato que para ser fotógrafo é necessário estudo prévio e muita dedicação, porque captar uma imagem com qualidade demanda conhecimento de técnicas de luz e sombra, enquadramento, velocidade de obturador e outros. Para transmitir sentimento é necessário possuir uma veia artística. Depois de passar por muitos processos, depois de ser estudada e aprimorada por diversos profissionais a fotografia foi reconhecida como forma de expressão artística.

A fotografia contemporânea, tal como a pintura, tem na sua essência a criação de metáforas, de conotações, de analogias diversas, conseguindo converter a objetividade em subjetividade. O visível não é necessariamente aquilo que nos é apresentado perante aos olhos (TAVARES, 2009, p. 125).

A pintura se manteve soberana na transcrição e reprodução da realidade por muito tempo, mas com o surgimento, popularização e crescimento da fotografia acreditou-se que a pintura chegaria ao fim visto que a fotografia reproduzia a realidade de forma mais fiel e mais rápida. Muitos negaram seu valor cultural alegando que o processo de fotografar era automatizado, portanto, sem valia artística.

A arte guarda para si o privilégio da liberdade de expressão, enquanto a fotografia foi e ainda é entendida por alguns como uma arte somente reprodutiva. Pertence a uma forma de reprodução em série e, por isso, não é encarada como uma obra única,

diferenciando-se da arte. Bobagem. É ou foi vista assim porque apareceu no mundo das artes plásticas causando medo. Nenhum outro meio de expressão reunia a perfeição da imagem fotográfica. Intrusa, a fotografia foi criticada porque não parecia possível criar a partir dela (CESAR; PIOVAM, 2007, p. 23).

Para a fotografia se tornar arte foi necessário que conceitos fossem criados, recriados, perdidos e encontrados. Na contemporaneidade, a fotografia assumiu o papel que lhe coube quanto arte. Fotografar em preto em branco substituiu, por muitos anos, o que os pintores de quadro realizavam e, com o surgimento do filme colorido que na época era caro e de difícil revelação, os fotógrafos optaram por continuarem a usar a configuração em preto e branco, que foi o caso de Henri Cartier-Bresson. A partir disso, a continuidade da fotografia em preto e branco reforçou a identificação desta forma como arte. Foto em preto e branco é arte. E assim foram surgindo novos conceitos, contudo, o mais considerado, talvez, seja a fotografia expandida. Para Rubens Fernandes Júnior, a fotografia expandida não está no resultado final, na foto pronta e, sim, no processo criativo que levou o fotógrafo/artista a chegar naquele resultado. Conforme o autor:

A fotografia expandida portanto, tem ênfase no fazer, nos processos e procedimentos de trabalho cuja finalidade é a produção de imagens que sejam essencialmente perturbadoras. A fotografia expandida é desafiadora, porque subverte os modelos e desarticula as referências. (FERNANDES JÚNIOR, 2006, p. 11).

Henri Cartier-Bresson criou vários dos mais famosos — senão os mais famosos — conceitos fotográficos contemporâneos, o “instante decisivo” que consiste em captar momentos em perfeita harmonia.



Imagem: “The Puddle”, Cartier-Bresson, 1932, Paris

A fotografia “The Puddle” é a representação do conceito “instante decisivo”, ela foi realizada atrás da estação ferroviária Gare St. Lazare, 1932, em Paris. Tornou-se, assim, a representação perfeita do conceito criado por Cartier-Bresson. Henri era minucioso ao fotografar e enxergava a fundo o sentimento que aquele momento trazia. Retratar o instante com sentimentos, aplicar valores estéticos e culturais é o que torna a fotografia arte. E, como expressão de arte, a fotografia usa marcadores sociais para retratar tais valores. O corpo é uma dessas formas de expressão.

4.4 Corpo e sexualidade

O corpo sempre foi usado como arma para quebra de paradigmas e questões sociais. Com o passar dos anos, o corpo sofreu alterações de percepções. Ao fazermos um retrospecto do século passado até os dias atuais, vemos que os conceitos sobre o corpo se modificaram diversas vezes. Meyer e Soares (2004, p. 6): *“Vivemos um tempo em que o corpo é exaustivamente falado, invadido, investigado e ressignificado”*.

O corpo sofre diversas mutações de acordo com o meio que está inserido. E é na escola que acontece essas primeiras mutações, a escola foca na cognição, deixando o corpo de lado. De acordo Meyer e Soares (2004, p. 7), *“ao focalizar a mente, a educação escolar tem funcionado,*

ao mesmo tempo, como uma das instâncias autorizadas, em nossa cultura, a educar e, portanto, produzir o corpo 'tal como ele deve ser' ”.

Por conseguinte, ao disciplinar as mentes, procura-se também disciplinar os corpos. Assim, “os espaços e processos pedagógicos estão atravessados de mecanismos e estratégias de vigilância, controle, correção e moldagem dos corpos dos indivíduos – estudantes e docentes – que povoam as instituições escolares” (MEYER; SOARES, 2004, p. 7-8).

Conforme Merleau-Ponty (1994), o ser humano é definido pelo corpo, este que está conectado com a subjetividade que se atém a um certo mundo. O que define o ser humano é: a essência e existência. A sexualidade faz parte da essência do ser humano. Expressamos nossa sexualidade por intermédio do corpo. Esse, de acordo com o meio em que está inserido, é cortado, mutilado, perfurado, para que se encaixe nos padrões.

Guacira Lopes Louro (2010) diz que o corpo e a sexualidade estão intimamente ligados e ambos estão inseridos em esferas que dependendo do contexto e/ou da época assumem outros significados. Estar nu é uma forma de expressar a sexualidade. Conforme a autora:

A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza (LOURO, 2010, p.11).

4.5. Nudez

A nudez é retratada desde a pré-história, os primeiros registros de imagens são de pessoas nuas em seus habitats. Em 1503, Albrecht Dürer se retratou completamente nu e com o passar do tempo as percepções sobre a nudez foram mudando. O nu como forma de arte sempre existiu, desde a Grécia antiga até os dias atuais. Contudo, cabe explicar as diferenças existentes entre a nudez na arte clássica e a nudez contemporânea. A nudez da famosa estátua de Apolo não carrega o mesmo propósito estético e artístico que uma nudez de qualquer artista contemporâneo, ambas não têm a mesma finalidade. De acordo com o historiador da arte Karlheinz Lüdeking

(1988), a nudez, na antiguidade, era usada como forma de expressão cultural, onde deuses e atletas eram retratados nus.

Com a chegada da idade média, o cristianismo trouxe uma proposta de cobrir a nudez indígena sob a desculpa de transparecer a alma. De acordo com Marco Antônio Gonçalves (2000, p. 1):

O corpo é mais que um instrumento de produção da vida diária indígena, é material simbólico pelo qual se produzem ideias, valores éticos e estéticos. O corpo é produzido, fabricado, constituído pela sociedade. É cortado, adornado, nomeado, perfurado, pintado, tornando-se mais do que corpo. Ganha, assim, uma imaterialidade, traduzida naquilo que se liga a ele, nas suas produções no mundo, naquilo que o anima, a alma.

Com a chegada da arte contemporânea, a nudez assumiu outro papel, se anteriormente ela era tida como forma de personificação ou imitação, nessa nova vertente, ela veio para problematizar, afrontar e desconstruir. A nudez não só como arte, mas também como um fator social político de crítica. Um dos modelos do Arena disse. “Ao ficar nu, eu me senti despido de padrões e vestido de mim”.

A fotografia que choca é denominada por Roland Barths de *punctum* “o *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” (2002, p.46). A nudez choca, não deveria, mas choca. E, uma nudez esteticamente diferente, choca mais ainda.

De acordo com Dubois (1993, p. 15) “com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser”. Os modelos, ao serem fotografados nus, assumiram um papel de incômodo tanto para eles e como para quem vê as imagens. O incômodo vem gerado da sociedade que possui este hábito de rechaçar o que não é padronizado. O fato dos modelos estarem despídos corroborou para este choque.

Por fim, foi através destes conceitos que o fotolivro foi embasado para sua criação. Arte, fotografia, nudez, sexualidade e corpo. Assim, propor e executar trabalhos como este, o qual arte e embasamentos teóricos que discutem corpo e sexualidade alinhados às causas LGBTQ+ e todas as suas nuances, exerce um fundamental papel para a construção de uma

consciência de respeito voltada para esta comunidade e, principalmente, construir um espaço que reconheça a diversidade do indivíduo enquanto ser humano.

5. Metodologia

5.1. Ideia inicial

Gerry Badger afirmou que *“Para ser notado, todo jovem fotógrafo que pretende construir um nome precisa publicar um fotolivro”* (2015, p.134). Quando decidi criar o fotolivro “Arena Subversiva”, pesquisei o que era um fotolivro e concluí que, dentre outras definições, trata-se de uma personificação em imagens de todo o processo que passei como profissional, estudante e humano. Badger ainda afirma que o fotolivro é *“o lugar em que se acredita que a fotografia entoe sua canção mais plena e significativa”* (2015, p. 148).

Diante disso, optei pelo fotolivro e as inúmeras possibilidades que uma obra desta natureza viabiliza. A criação dividiu-se em três partes: a pré-produção, produção e pós produção. A pré-produção iniciou-se no ano de 2018, quando pesquisei sobre corpos, orientação sexual e gênero na matéria de pré-projeto de TCC. Após estas pesquisas, identifiquei que dentro da comunidade gay cisgênera⁵ haviam subgrupos segregados e discriminados. Com isso, senti que havia a necessidade da confecção de um livro que desse visibilidade e, também, representatividade a essa parcela excluída.

A produção, propriamente dita, iniciou-se em junho de 2019, quando tentei identificar perfis e buscar modelos que potencialmente fizessem parte destas minorias segregadas. Após selecioná-los, os entrevistei e alinhei-os conforme a proposta do trabalho. A conclusão desta etapa se deu em outubro quando o ensaio foi realizado.

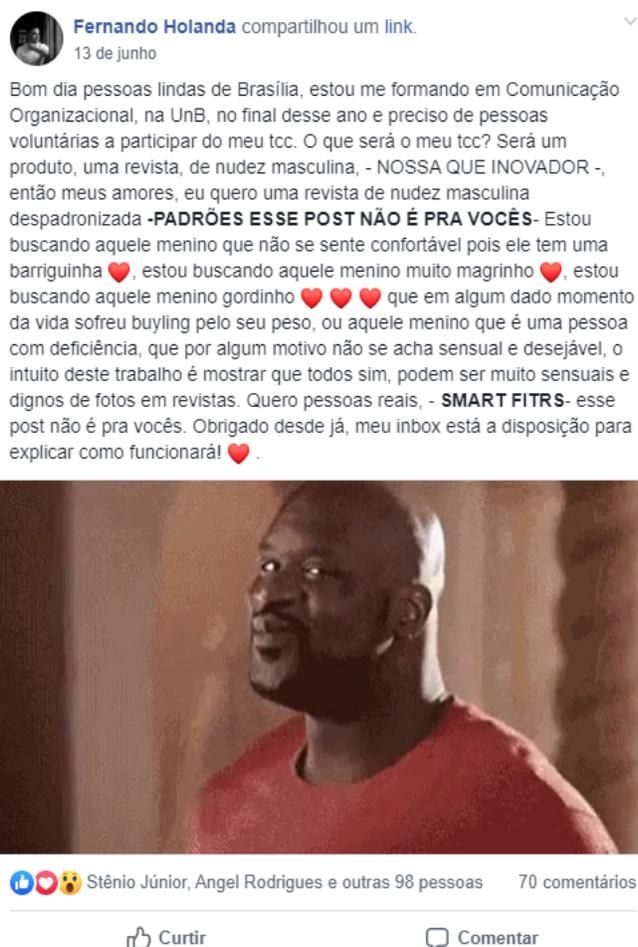
A pós-produção iniciou-se em outubro de 2019, com a confecção das fotos que, tão logo devidamente tratadas e selecionadas, seguiram para o processo de composição e diagramação do fotolivro.

5.2. Pré-produção

A pré-produção iniciou-se em junho de 2018 com pesquisas sobre fotografia, nudez, corpo, gênero e sexualidade na matéria pré-projeto, com o professor Sivaldo Pereira. Após muito estudo cheguei ao entendimento que faltava um produto fotográfico que representasse

⁵ "Cisgênero é a pessoa que se reconhece como pertencendo ao gênero que foi compulsoriamente designada quando nasceu" **DICIO**: dicionário online de português, acesso em: 20 nov.2019.

minorias dentro da comunidade gay masculina. Idealizei a proposta de criar um fotolivro de nudez o qual fosse possível este grupo ter seu espaço de representatividade. Comecei com a procura dos modelos, de início fiz contato com pessoas próximas, na Universidade e no trabalho. Em meio a muitas negativas, publiquei na rede social *Facebook*, no grupo *LDRV resistência era*⁶ o seguinte comunicado:



Na postagem expliquei o que seria o trabalho de conclusão de curso e deixei meu telefone para quem quisesse participar. Através dessa publicação, foram selecionados 4 rapazes: Perseu Rufino, Jeferson Viegas, Abraão Sandez e Luiz Henrique. Depois de selecionados fiz uma pequena entrevista qualitativa.

⁶ Comunidade da rede social facebook, onde usuários fazem postagens, em maioria, de humor. Bem como anúncios, buscas, ofertas e etc.

Segundo Duarte e Barros (2006) a entrevista serve como forma de recolher informações através das experiências pessoais do entrevistado, segundo o autor:

A entrevista é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2006, p.62)

O primeiro modelo que entrou em contato foi o Perseu, expliquei como funcionaria e ele aceitou e me agradeceu pela oportunidade. O Jeferson Viegas apresentou considerável resistência por causa da timidez, contudo, mostrou-se interessado no projeto. Expliquei-lhe a proposta e sua atitude, outrora tímida, transformou-se em uma oportunidade desafiadora o que o motivou a participar. Abraão Sandez também entrou em contato e prontamente confirmou participação no projeto. Luiz Fernando era o único já previamente conhecido. Ao entrar em contato se candidatando para fazer parte do projeto confesso que fiquei relutante. Luiz sempre foi um rapaz muito tímido, conversava pouco e todo tempo muito introspectivo. Ele insistiu e eu me senti desafiado em retratá-lo conforme o trabalho.

Os outros dois modelos: Gabriel Marcks e Rafael Santz foram os únicos que fiz o convite pessoalmente. Eles se encaixavam na minha proposta além de, em outras oportunidades, termos conversado sobre questões de aceitação do corpo. Metade do trabalho já estava encaminhada. Contudo, um dos modelos que já estava escolhido resolveu desistir. De forma muito educada, me contactou por telefone e informou sua decisão. Em meio ao desespero, consegui o contato de Alex Bernardo. Ele é professor de Artes e ator. Dentro da comunidade gay pertence à “tribo dos ursos”⁷. Fiz a proposta e ele aceitou. Diante disso, comecei a buscar um estúdio que me desse as condições ideais para realizar o ensaio fotográfico.

⁷ "Um homem com barba ou cavanhaque, de peito e corpo peludo e corpulento; frequentemente adulto (ou com a aparência de mais velho). A definição exata do que é um Urso depende de pessoa para pessoa. A lista torna possível encontrar uma opinião pessoal sobre o que realmente é um Urso." Disponível em: <<http://ursosdobrasil.net/files/nbcs.pdf%3E>> Acesso em: set, 2019.

O que eu buscava era um espaço que desse tranquilidade e privacidade aos modelos para que ficassem nus, onde eles pudessem se concentrar que tivesse boa iluminação, ar-condicionado e música. Dentre muitas pesquisas, indicações e sugestões achei o Colmeia Fotografia que fica localizado na Asa Norte, no comércio local da quadra 112 Norte. O estúdio oferece uma estrutura ampla, agradável, bem equipada e segura para diversos tipos de produções fotográficas, inclusive a que eu realizaria.

O valor do espaço por quatro horas, aos sábados custa, em média, R\$ 800,00 (oitocentos reais). Quando entrei em contato, falei que era um trabalho de conclusão de curso e sugeri um desconto, o valor final ficou por R\$ 600,00 (seiscentos reais). Valor alto para arcar sozinho. Chamei os modelos e sugeri que dividíssemos o valor do estúdio. O que foi prontamente atendido por eles. As fotos foram marcadas para o dia 5/10/2019. Nesse dia fotografei: Jeferson Viegas, Gabriel Marcks, Rafael Santz, Abraão Sandez, Luiz Fernando e Alex Bernardo, o Perseu Rufino não pode ir devido a sua dificuldade de locomoção com auxílio de cadeira de rodas elétrica que o impossibilita de sair de casa em dias chuvosos, justamente, como aquele dia. No entanto, remarquei o ensaio dele para sexta-feira seguinte, dia 11/10/2019.

Cada modelo fotografou 30 minutos, o ensaio foi dividido em três momentos. No primeiro momento, busquei criar intimidade, expliquei novamente como funcionariam as fotos para que eles tivessem total segurança no meu trabalho e profissionalidade. No segundo momento, os posicionei e comecei a fotografá-los em plano fechado⁸, coloquei músicas para eles relaxarem e os provoquei, instiguei os sentimentos deles além de dirigi-los. Sugeri ângulos, poses e expressões. No terceiro momento, os fotografei em um plano aberto⁹. No final eu tirei uma foto com eles, para ficar de recordação. Utilizei equipamento fotográfico próprio e a

⁸ "A câmera está bem próxima do objeto, de modo que ele ocupa quase todo o cenário, sem deixar grandes espaços à sua volta."

Disponível em < <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/> acesso em: 20 out, 2019>.

⁹ A figura humana é enquadrada por inteiro, com um pouco de "ar" sobre a cabeça e um pouco de "chão" sob os pés. Disponível em: < <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/> acesso em: 20 out, 2019>.

câmera é uma *Cannon 60D*¹⁰, e duas lentes fotográficas: 50mm e 24mm. Neste dia foram produzidas quatro mil e duzentas fotos.

Para o ensaio do Perseu remarquei o estúdio para o dia 11/10, às 18h30. Neste dia, fiz questão de levá-lo e trazê-lo, pessoalmente, até o estúdio. Perseu chegou ao meu trabalho, na Asa Sul, pontualmente às 17h. Pegamos o Uber e seguimos até o Colmeia. Até chegarmos ao local das fotos foi bastante trabalhoso, a cadeira do Perseu exige muito cuidado e manejo, mas mesmo assim não desisti de tê-lo como modelo. Após muitos contratempos, consegui colocá-lo para ser fotografado. O posicionei e segui o mesmo protocolo dos outros modelos, o fotografando com os mesmos planos e poses.

Eventualmente no dia um dos flashes não funcionou, na hora me atentei, mas como estava concentrado não dei a devida importância. Concluímos as fotos, coloquei o Perseu em segurança dentro de um Uber e, assim, consegui realizar as fotos dos sete modelos, como havia planejado. Fiz 890 fotos neste dia totalizando aproximadamente cinco mil fotos.

5.3. Pós-produção

A pós-produção começou pela seleção das melhores fotos. Depois de selecioná-las, busquei a ajuda de um designer que pudesse conceber a parte gráfica do fotolivro. Chamei o Stênio Júnior, graduando em Publicidade e Propaganda pela UnB e amigo de longa data. Ele sempre foi muito prestativo e atencioso e aceitou diagramar o fotolivro.

O que sugeri a ele era que fôssemos subversivos dentro da proposta. Ele, intuitivamente, entendeu o que eu queria para o projeto e fez sugestões de capa, tipografia, espaço de respiro. O conceito foi, exaustivamente, discutido e discutido, para que pudéssemos chegar no coeficiente final.

O coeficiente final foi um fotolivro elegante, sóbrio, que atendeu a proposta inicial de ser subversivo mas elegante. Os tons de preto e branco realçaram a estética minimalista.

¹⁰ Fabricadora japonesa de câmeras fotográficas digitais.

5.4. Diagramação

A diagramação foi feita em dois programas, Photoshop e Illustrator, ambos da Adobe. Muito antes de convidar o Stênio, por sermos amigos e ele já saber da minha proposta de trabalho de conclusão de curso, quando o convidei, não realizamos muitos *briefings*¹¹ e *brainstorms*¹². Portanto, eu não teria muita dificuldade em chegar ao resultado final visto que o Stênio esteve em toda pré-produção do produto de forma informal.

6. Conceito do fotolivro

O conceito do fotolivro foi criado com base na bandeira LGBTQ+. Procurei sete rapazes para que cada um representasse as cores da bandeira, ainda que o fotolivro esteja construído em uma estética em preto e branco. Na segunda guerra mundial, um triângulo rosa identificava soldados homossexuais, este símbolo permaneceu até 1978, ano em que a bandeira LGBTQ+ foi criada. O criador da bandeira chama-se Gilbert Baker. Gilbert serviu o Exército norte-americano e era amigo de Harvey Milk¹³. Na parada do orgulho gay de 1978, a bandeira foi apresentada. Inicialmente, eram sete cores, mas para diminuir os custos de fabricação retiraram duas cores: azul e rosa. Dos anos 2000 em diante, o rosa voltou a fazer parte da bandeira e o resultado final voltou a ser sete cores.

7. Tipografia

As fontes utilizadas no trabalho se pautaram em duas justificativas principais: uma com aspecto mais expansivo e boa legibilidade para os textos; e outra com aspecto mais combativo para os títulos. Assim, utilizou-se a fonte Catamaran por seu caráter visualmente leve e poético, mas sobretudo por apresentar uma família tipográfica completa com diferentes pesos, que permite uma construção mais fluida do bloco de texto. Já para o título, foi utilizada a fonte

¹¹ "Conjunto dessas informações que visam instruir alguém na realização de algo ou breve reunião em que elas são apresentadas." **DICIO**: dicionário online de português, acesso em: 20 out.2019.

¹² "Tempestade de ideias; técnica definida pela apresentação espontânea de pensamentos e ideias, tendo como propósito solucionar alguma questão, problema ou produzir algo criativo." **DICIO**: dicionário online de português, acesso em: 20 out, 2019.

¹³ Primeiro político assumidamente gay do Estados Unidos.

Oswald, sempre em maiúsculas, propiciando peso e solidez em contraste com a outra a fonte utilizada.

8. Simbolismo

De acordo com a Associação da Parada do Orgulho LGBTQ de São Paulo¹⁴, as cores das bandeiras representam significados. Cada modelo representa uma cor, que na bandeira representa um significado. O Perseu representa o vermelho que na bandeira faz alusão a vida, desde que o conheci, mesmo com todas as suas limitações, ele demonstra uma vontade imensa de viver. O Jeferson representa o amarelo, que na bandeira faz alusão a luz do sol. Ele com seu jeito tímido e doce ilumina e alegra qualquer lugar.

O Bernardo representa o verde, que na bandeira faz alusão a natureza. Ele tem uma força e uma naturalidade intrigantes. O Rafael representa o violeta que na bandeira faz alusão ao espírito, ele fala pouco e possui uma presença de espírito notável. O Abraão representa o laranja que na bandeira faz alusão a cura, quando conversamos sobre a proposta do projeto ele me disse que aceitaria participar como forma de se curar de todo pensamento errado que ele teve do seu corpo.

O Luiz representa o azul que na bandeira faz alusão a serenidade e harmonia. O conheço há muitos anos e ele sempre transpassou serenidade e sempre foi harmônico com seus princípios e atitudes. O Gabriel representa a cor rosa que na bandeira faz alusão à sexualidade, ele conhece e vive a sua sexualidade de forma plena e coerente.

¹⁴ Disponível em: <http://paradasp.org.br/a-historia-e-origem-da-bandeira-do-movimento-lgbt/> acesso em: out. 2019.

9. Considerações finais

O fotolivro “Arena Subversiva: retratos da nudez homossexual masculina” surgiu a partir de um incômodo que tenho como fotógrafo e amante de fotografia, de que o mercado LGBTQ+, especialmente, o masculino que é muito taxativo e padronizador. As submissões de beleza impostas aos indivíduos, muitas vezes, são irreais e inalcançáveis. E, na busca em atingir esses ideais de perfeição, desenvolvemos fobias e inseguranças no que concerne ao nosso corpo e à forma como queremos aparentar.

Neste trabalho, busquei identificar os variados tipos de corpos e mostrar a diversidade que lhes cabem. Criei um produto que fosse, antes de tudo, inclusivo e pautado pela diversidade, onde homens gays fora do padrão possam se olhar e se sentir representados. Almejo que este fotolivro contribua para a subjetividade de cada homem que tenha problemas de autoestima e, que, os ajude a afirmar e reafirmar as suas belezas.

O Arena Subversiva é a realização de um sonho, quando adentrei na Universidade em março de 2012, em Letras, cujo meu primeiro pensamento foi: “Que legado quero deixar como estudante?”

Concluo esta etapa com a certeza que fiz o meu papel enquanto estudante de Universidade pública. Tentei, com muito afincado, responder às questões do meu tempo e propus um debate sobre autoestima e diversidade. Espero que os próximos estudantes venham com novos questionamentos e criem produtos que sejam democráticos no sentido de olharem o todo e não só uma parte privilegiada.

Quando a ideia surgiu não imaginei a dificuldade que teria para chegar ao final do resultado. Afinal, conseguir sete homens para serem fotografados nus e que tenham questões relacionadas com auto-estima não foi nada fácil. Essa dificuldade quase me parou, quase me fez mudar a ideia, mas estava decidido e no fim esse ponto negativo se tornou um combustível a mais para a finalização deste projeto que elaborei por anos.

Este produto foi uma junção de tudo que aprendi no curso de Comunicação Organizacional. O curso, dentro da sua metodologia, abarca áreas da comunicação em sua pluralidade.

Elenco três matérias que serviram-me de base para a elaboração do Arena. Os aprendizados adquiridos na matéria Técnicas de Jornalismo Impresso e On-line (TECJOR) foram de extrema importância para diagramar e construir a narrativa dos textos contidas no produto. As aulas de Linguagem Estética e Fotográfica (LEFOTO) ensinaram-me a buscar caminhos e métodos para definir e embasar o conceito em que o Arena foi criado. A matéria de Metodologia de Pesquisa em Comunicação (PESCOM) ajudou-me a pensar a comunicação como área de conhecimento.

Encerra-se aqui um produto criado para mostrar as diferenças e faces da beleza e diversidade. Um produto criado, também, para dar fala a uma parcela excluída dentro de uma comunidade tão plural. o Arena Subversiva não estará disponível a venda, cópias e reproduções estão proibidas sob pena de sofrerem penas judiciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCO-ÍRIS gay. São Paulo: Abril, 2013. 15 p. (Aventuras na História, n. 121)

BARTHES, Roland. **A Câmara clara.** Lisboa: Edições 70, 1989. (Coleção Arte Comunicação, n. 12)

CESAR, Newton; PIOVAM, Marco. **Making of:** revelações sobre o dia-a-dia da fotografia. Brasília: SENAC/DF, 2007.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUBOIS, Philipper. **O ato fotográfico:** e outros ensaios. São Paulo: Papyrus, 1993. 362 p.

JÚNIOR, Rubens Fernandes. **Processos de criação e fotografia.** FACOM, n. 16. 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo:Ática, 1989.

MAZZEI, George (17 de Abril de 2014). **Quando a Advocate inventou os Bears.** ADVOCATE, 17 abr. 2014. Disponível em: < <http://ursosdobrasil.net/files/nbcs.pdf%3E>>
Acesso em: set, 2019.

Meyer, D. E.; Soares, R. F. R. (2004). **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares:** um início de reflexão. In: Meyer, D. E. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre, Mediação, p. 5-6.

MERLEAU-PONTY, M. **La nature**: cours du Collège de France: notes, suivi des résumés de cours correspondants. Paris: Éditions du Seuil, 1994. p. 7-10.

TAVARES, Antônio Luís Marques. **Fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea**.

Sapiens: história, patrimônio e arqueologia, n. 1, p. 118-129, jul. 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/1155767/A_fotografia_art%C3%ADstica_e_o_seu_lugar_na_arte_contempor%C3%A2nea>. Acesso em: 14 ago. 2019.

DICIO: dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/arena/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

DICIO: dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/subversivos/>> Acesso em: 15 ago. 2019.

ANEXOS

	A	B
1	Estúdio fotográfico	600 reais
2	Diagramação e montagem	550 reais
3	Uber	100 reais
4	Papel de gramatura de 150	60 reais
5	Impressão de 3 unidades	270 reais
6	Valor total do trabalho	1.580 reais